

ALBERNAZES E HOMENS DA COSTA

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

Resumo: *As duas famílias, Albernaz e Homem da Costa, eram originárias dos Açores, Portugal, e passaram para o Rio de Janeiro no princípio de sua fundação. Seus varões podem inclusive ter sido companheiros de batalhas de Estácio de Sá, o fundador da cidade, em 1565, por ocasião da expulsão dos franceses da baía da Guanabara. Apesar de serem das famílias cariocas quatrocentonas mais proeminentes, apenas agora suas origens foram esclarecidas, e ainda assim, parcialmente. Ainda no Rio, seus filhos e netos continuaram a se ligar com pessoas de origem também açorianas. Com o tempo, Albernazes e Homens da Costa se espalharam por cidades paulistas, como Mogi das Cruzes, São Paulo, Itu, Taubaté, Ubatuba, São Sebastião, além do Estado de Goiás.*

Abstract: *The two families, Albernaz and Homem da Costa, were originally from the Portuguese Islands of Azores, and moved to Rio de Janeiro in the same time of its foundation. Their males possibly took part in the battles of Estacio de Sá, the founder of the city in 1565. These families belonged to the most prominent of the four-century old carioca families; however only recently their origins have been clarified. While living in Rio, their sons and grandsons continued to marry people from the Azores. In the course of time, Albernazes and Homens da Costa spread about towards Paulist cities like Mogi das Cruzes, São Paulo, Itu, Taubaté, Ubatuba, São Sebastião, besides of the State of Goiás.*

Introdução

Creio que nenhum trabalho meu, até o momento, tenha sido tão exaustivamente estudado e discutido por mim e por amigos, genealogistas também, e por tanto tempo. Pois, com a graça de Deus, não posso me queixar de falta de ajuda e menos ainda da falta de amigos. Do Estado de São Paulo, a autoridade máxima do Vale do Paraíba, o Dr. H. V. Castro Coelho, e de Mogi das Cruzes, Jurandyr Ferraz de Campos, paleógrafo e historiador. Do Rio de Janeiro, vali-me de seus maiores especialistas vivos, a saber, Carlos Eduardo de Almeida Barata,

um dos celebrados autores do “Dicionário de Famílias Brasileiras” e Gilson Caldwell do Coutto Nazareth. Dos Açores, o Dr. Jorge Eduardo Abreu Forjaz (hoje residente em Marrocos). De Portugal continental, um especialista em Heráldica, o Dr. Manuel Artur Norton (Barão de São Roque).

Há muito que me ocupo em descobrir as origens dos Albernazes e Homens da Costa. Dois irmãos moravam em Mogi das Cruzes, na segunda década do século XVII, a saber: Manuel Homem Albernaz (o primeiro deste nome) e João Homem da Costa (o velho). Desconheciam-se a naturalidade e filiação de ambos, uma vez que não foram preservados os assentos de seus casamentos e, ainda, porque João Homem da Costa, apesar de ter feito testamento, e ser comum, nesses casos, citar o nome dos pais e naturalidade, não o fez. Não se conhecem filhos e netos seus habilitados ao sacerdócio, para o que seriam obrigados, no processo de *genere et moribus* a declararem pais e avós, bem como suas naturalidades. O que se sabia era o que constava da obra de Silva Leme (SL, VI, p. 224), certamente extraído do inventário de Maria Madalena, em 1644, não mais existente, que eram primos Manuel Homem Albernaz (o primeiro deste nome) e Antônio de Faria Albernaz. E este último figura no clássico carioca de genealogia, a obra de Rheingantz (PFRJ, II, p. 15).

O testamento do Capitão Manuel Homem Albernaz (adiante, no § 5º nº III), em 1706 na vila de Itu, é assaz instigante pela declaração que fez de que seus filhos eram herdeiros na herança do seu tio Manuel Homem, que havia falecido abintestado no Rio de Janeiro. De novo Rio de Janeiro! Quando passei, a partir de 1980, a pesquisar de forma contínua em arquivos cariocas, o estudo dessas famílias passou a fazer parte das minhas investigações.

Conservo, em meu poder, uma carta de Gilson Nazareth, datada de abril de 1989, com informações valiosas, em especial¹ a de que eram irmãos inteiros Aleixo Manuel, o velho, e Isabel de Faria, esta mulher de João Gonçalves do Evangelho (pais de Antônio de Faria Albernaz). E, segundo Rheingantz, Aleixo Manuel era casado com uma filha de Jordão Homem da Costa. Apesar de as pistas serem de excelente qualidade, não se conseguia atingir o resultado final: descobrir a filiação dos irmãos Manuel e João.

Passei a me corresponder, incansavelmente, com o Dr. Castro Coelho sobre os Albernazes e Homens da Costa. Chegamos ao consenso de que os ditos

¹ Gilson esclareceu que tal afirmação lhe foi passada por Dalmiro da Motta Buys de Barros. Não se conseguiu apurar se foi através de processos de banhos ou *de genere et moribus*. Em um caso ou outro, trata-se de processos existentes no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro (ACMRJ). Aguarda-se a reorganização do seu acervo para se fazer uma pesquisa mais produtiva, uma vez que os *banhos* não estão disponíveis e os *de genere* ainda não foram devidamente catalogados.

irmãos Manuel e João poderiam ser filhos, ou netos, do velho Aleixo Manuel. Daí se explicariam os apelidos Homens da Costa e Albernaz, bem como o parentesco daqueles com Antônio de Faria Albernaz. De um dos inventários vistos pelo amigo, há de se fazer menção ao de Manuel Coelho de Sousa, genro de João Homem da Costa, aquele foi qualificado como sobrinho de Fernão Faleiro. Outra descoberta² foi o processo de *genere et moribus* de Alberto Faleiro da Costa, de 1620, filho de João Rodrigues Faleiro e de Margarida da Costa, esta irmã de Luís de Faria Homem, informações não constantes da obra de Rheingantz. Passada essa informação ao Dr. Castro Coelho, passamos a supor³ que os irmãos Manuel e João fossem irmãos (inteiros) de Alberto Faleiro.

Logo após o anúncio da publicação, em Portugal, da obra do Dr. Jorge Forjaz, “Genealogias da Ilha Terceira”, a ser lançado, segundo o autor, em julho de 2006, reuni tudo o que tinha sobre os terceirenses e, a título de contribuição, publiquei um artigo⁴ na Revista da ASBRAP nº 10. Por uma simples questão de espaço, e aí reside um dos grandes males de ser autor e editor ao mesmo tempo, suprimi o material que eu mesmo pretendia publicar dos Albernazes, justamente porque excederia o número de páginas da citada revista. O que, a seguir, vai-se ver que foi uma grande sorte! Pouco antes da impressão da citada revista, no fórum de debates da ASBRAP (<http://www.asbrap.org.br/forum.htm>), estabeleci com Carlos Barata uma longa e profícua discussão sobre os Albernazes, recebendo dele uma série de informações.

Até que, sem mais aquela, recebi do genealogista e amigo, o Professor Paulo Valadares, com a generosidade de sempre, um artigo⁵ que estudava a elite de Mogi das Cruzes. Nele, a autora citava, em documento lido nas atas da câmara daquela localidade, embora não a transcrevesse, uma carta de brasão de armas conferida a antepassados de Manuel Homem Albernaz, irmão de João Homem da Costa. Desloquei-me a Mogi, após certificar-me de que as atas encontravam-se no Arquivo Histórico de Mogi das Cruzes. No dia combinado, o seu encarre-

² No Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro (ACMRJ). Fica aqui o meu agradecimento aos seus funcionários, Paulo Lavandeira Fernandes e Márcia Regina Gonçalves de Mello Freire.

³ O que, a julgar da hipótese, adiante, não estaria inteiramente errado. Seriam meio-irmãos.

⁴ *A Família Pontes: da Ilha Terceira para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo e Alguns Troncos Paulistas de Origem Terceirense.*

⁵ DIAS, Madalena Marques Dias. *A formação das elites numa vila colonial paulista através de quatro histórias de vida: Mogi das Cruzes (1608-1646).* In **População e Família**. São Paulo: CEDHAL, 2002. Vol. 4, pp. 31-52.

gado havia tido um problema na família, mas ainda assim, consegui⁶ ter acesso ao precioso documento e lê-lo. Pelo pouco tempo restante, fiz uma cópia sem os rigores da Paleografia, em uma versão do português atual.

O documento encontra-se transcrito nas atas da câmara da vila de Mogi das Cruzes, no ano de 1645⁷. Princípiã no verso de uma sessão de 15 de março de 1645; a sessão de 25 de março de 1645 se inicia no verso do traslado. Portanto, não há razão para a suspeita da Professora Madalena Marques Dias, de que o registro de Manuel Homem Albernaz tivesse sido costurado depois, nas mesmas atas. O que não foi normal é que o escrivão tenha feito o traslado sem a costumeira introdução. Transcreveu, simplesmente transcreveu, tal e qual lhe foi pedido. Não deveria ser do ramo...

Trata-se, fundamentalmente, de uma abonação dos Albernazes e se fez a pedido de Manuel (Homem) Albernaz. O traslado consta, basicamente, de dois documentos, a saber:

- 1- uma inquirição de testemunhas ouvidas na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1617, onde o interessado, Manuel (Homem) Albernaz, queria comprovar sua filiação.
- 2- carta de brasão de armas⁸ concedida a Afonso Albernaz, que se achava em poder de Aleixo Manuel, o velho. Há um erro crasso na transcrição: o de que o brasão foi concedido em 1580 pelo rei de Portugal D. Manuel, quando este reinou de 1495 a 1521. Outro erro foi a data do (primeiro) traslado para a cidade de Salvador da Bahia em 1556. Obviamente não se faz cópia **antes** do original. É possível que o escrivão tenha se atrapalhado com a data em algarismos romanos, prática usual no reinado de D. Manuel. Assim, supondo que o documento tenha sido feito em 1508, poderia estar escrito da seguinte forma: b^cbij. 1580 se escreveria assim: b^clxxx.

Reanalizadas as questões, preparei, então, uma versão primária deste artigo, inclusive com a transcrição do documento mogiano, e a encaminhei para os amigos acima citados, com o intuito de ouvir críticas e sugestões. Após o recebimento das respostas, que foram muitas, elaborei enfim esse texto final. Soube depois, pelo próprio Professor Jurandyr Ferraz de Campos, distinto professor de Paleografia de Mogi das Cruzes, que ele, há muitos anos, fizera a transcrição paleográfica daquele documento. Solicitei a ele, então, que me cedesse uma cópia para inclusão neste trabalho, o que ele fez por intermédio do Professor

⁶ Agradeço aos funcionários Graziela e Rui, do Arquivo Histórico Municipal de Mogi das Cruzes, localizado na rua Coronel Sousa Franco, 993- Centro.

⁷ Aliás, o ano é 1645 e não 1642, como constou do artigo da citada professora.

⁸ Acredita-se que as cartas de brasão de armas anteriores ao terremoto de Lisboa, em 1755, tenham se perdido por essa razão. Não há registro dela em Portugal.

Odaire Aparecido de Paula, a quem agradeço pela adaptação ao “Word”. Uma transcrição muito bem feita, que honra sobremaneira este trabalho.

Hipóteses

Muito da questão gravita no fato de que Luís de Faria Homem foi designado irmão de duas pessoas entre as quais não se conhece fraternidade entre elas. Ao ser perguntado na justificação de Manuel de Albernaz (vide Anexo), em 1617, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, do costume⁹, declarou ser irmão do pai do justificante. Pouco depois, em 1620, também no Rio de Janeiro, no processo de habilitação *de genere et moribus* de Alberto Faleiro (in ACRMJ), Luís de Faria Homem foi qualificado como irmão de Margarida da Costa, mãe do habilitando. O termo *irmão* poderia significar, também, *cunhado*: era a forma afetiva e respeitosa como então se tratavam as pessoas à época.

Mas, então, como explicar os apelidos combinados Homens da Costa na descendência de Luís de Faria? Aliás, Rheingantz acreditava, sem citar fonte alguma, que Luís era filho de Jordão Homem da Costa, conforme escreveu em PFRJ, II, p. 354. Não se deve esquecer que uma irmã, inteira, segundo Gilson Nazareth, de Aleixo Manuel (o velho), Isabel, assinava Faria, e que os descendentes de Luís de Faria não portavam o apelido Albernaz.

Enfim, Luís de Faria Homem seria irmão de Manuel Albernaz ou de Margarida da Costa? E se os dois documentos estivessem literalmente corretos? Ou seja, irmão de ambos?

Segue a hipótese deste trabalho: Fuão¹⁰ Albernaz, de sua mulher, cujo nome não se conhece, que seria da família Faria, doravante nomeada Fulana de Faria, teve, ao menos, alguns filhos nascidos na Ilha do Faial, a saber: Aleixo, Bartolomeu, Manuel e Isabel. Viúva, Fulana de Faria casou-se outra vez com Jordão Homem da Costa, também viúvo. Do novo matrimônio de ambos nasceu o filho Luís de Faria Homem que seria, desta forma, irmão de Manuel Albernaz e de Margarida da Costa.

Jordão Homem da Costa e Fulana de Faria passaram a viver em uma só morada, na Ilha Terceira ou no Faial¹¹, reunindo os filhos dos casamentos anteri-

⁹ Perguntado pelo costume, significa, conforme o gramático Caldas Aulete: “razão de parentesco, amizade ou ódio, da testemunha com a pessoa a respeito de quem vai depor”.

¹⁰ Fuão/Fulana: nome geral e vago por que se designa uma pessoa incerta.

¹¹ Faial e Ilha Terceira são ilhas do Arquipélago dos Açores.

ores, formando uma grande família. Certamente instados pelas notícias da iniciativa da conquista do Rio de Janeiro aos franceses, Jordão Homem da Costa e os rapazes da grande família, Albernazes e Homens da Costa, se puseram à disposição do Rei de Portugal para o grande feito, partindo para as novas terras da América Portuguesa. Conforme o depoimento¹² do francês Pero de Vila Nova, em 17 de janeiro de 1592, em Salvador, sendo tempo da graça¹³, perante a Mesa Inquisidora, relatou que em 1557, três naus francesas foram para o Rio de Janeiro, “costa deste Brasil, aonde povoaram, e não havia ainda no dito Rio de Janeiro nenhum português”. Após a conquista, o que teria se dado depois de 1567, retornaram às ilhas, e trouxeram para o Brasil as mulheres que lá haviam permanecido¹⁴. Dois filhos de Fuão Albernaz se casaram com duas filhas de Jordão Homem. Teria sido a solução ideal para menos dilapidarem o patrimônio formado com a união das duas famílias.

Outra hipótese levantada é a identificação de Margarida da Costa. Filha de Jordão Homem da Costa, considerei-a mulher de Manuel Albernaz e, com a morte deste, de João Rodrigues Faleiro.

TÍTULO ALBERNAZES

§ 1º

- I- GONÇALO ALBERNAZ, escudeiro fidalgo, nascido por volta de 1410. Foi pai de:
- II- MARTIM ALBERNAZ, escudeiro fidalgo, nascido por volta de 1440. Pai de:
- III- AFONSO ALBERNAZ, escudeiro fidalgo, nascido por volta de 1470. Morador na Ilha do Faial. Foi quem recebeu carta de brasão de armas no reinado de D. Manuel, de 1495 a 1521, transcrita em Anexo.

¹² Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça: Confissões da Bahia, 1591-92. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1935. pp. 91-93.

¹³ Período no qual os depoentes poderiam gozar do perdão.

¹⁴ Estácio de Sá com seus homens, baianos, capixabas e paulistas, ficaram quase dois anos apertados na praia de Fora (Urca) e, no ano de 1567, deu-se a guerra acirrada contra os franceses e tamoios. Percebe-se que nos anos de 1567 e 1568 os vencedores e povoadores pediram terras para se fixarem e, em quase todos os pedidos, alegam que *querem trazer mulher e filhos* que ficaram em suas terras de origem, ou Bahia, ou Espírito Santo, ou São Vicente. (Informação de Carlos Barata).

§ 2º

Desentroncado

- I- ÁGUEDA DE ALBERNAZ. Foi mulher de FRANCISCO LUÍS e uma das pessoas a receber traslado da carta de brasão de armas dos Albernaz. Possivelmente eram moradores na Ilha do Faial.

§ 3º

Desentroncado

- I- [Fuão] ALBERNAZ. Nascido por volta de 1510. Pelo tempo, poderia ser filho ou sobrinho de Afonso Albernaz, no § 1º nº III. De acordo com as hipóteses lançadas atrás, foi casado com [Fulana de] FARIA, nascida por volta de 1520, a qual, depois de viúva, casou-se segunda vez com o Capitão Jordão Homem da Costa, que segue no Título Homens da Costa. Filhos de Fuão Albernaz e de Fulana de Faria, provavelmente nascidos na Ilha do Faial:

1 (II)- CAPITÃO ALEIXO MANUEL, o velho, que segue.

2 (II)- BARTOLOMEU ALBERNAZ. Nasceu por volta de 1542. Passou, juntamente com seus irmãos, para o Rio de Janeiro, onde, em 28 de janeiro de 1573, testemunhou a demarcação das terras pertencentes à Companhia de Jesus, situadas entre os rios Iguaçu e a tapera de Inhaúma. Foi sócio em pelo menos duas sesmarias¹⁵, a primeira concedida em 15 de fevereiro de 1614, que consistia em 1.500 braças de terras em Inhaúma, a segunda concedida em 31 de março de 1614, com 3.000 braças no rio Guaguaçu (CPRJ, p. 28).

3 (II)- MANUEL ALBERNAZ, que segue no § 5º.

4 (II)- ISABEL DE FARIA, que segue no § 9º.

- II- ALEIXO MANUEL, o velho, nasceu cerca de 1538 na Ilha do Faial. Casou-se por volta de 1572, possivelmente no Rio de Janeiro, com FRANCISCA DA COSTA HOMEM, nascida¹⁶ por volta de 1554 na Ilha Terceira, filha do Capitão Jordão Homem da Costa, em Título Homens da Costa, adiante.

De acordo com Carlos Barata, já se achava no Rio de Janeiro em 21 de fevereiro de 1568, quando apareceu na qualidade de testemunha na posse de umas terras dos Jesuítas. Foi capitão de infantaria da cidade do Rio

¹⁵ Da primeira era seu sócio Antônio Gomes Albernaz [Livro 23º de Sesmarias – 1612-1614]. Da segunda era seu sócio João Pedro [Livro 23º de Sesmarias – 1612-1614]. (Informação de Carlos Barata).

¹⁶ As naturalidades de Aleixo Manuel e de sua mulher Francisca da Costa Homem constam da habilitação *de genere et moribus* de seu neto materno, o sacerdote do hábito de São Pedro, Manuel da Fonseca Carvalho (ACMRJ).

de Janeiro, onde faleceu em 25 de janeiro de 1626 (Sé, 1º, fls. 8). Recebeu carta de sesmaria¹⁷ de chãos para construir casa de morada, em 7 de fevereiro de 1602, na cidade do Rio de Janeiro. Foi qualificado como cidadão da mesma cidade e morador nela, e que havia 23 anos que ele comprara os ditos chãos por 30\$000 (trinta mil réis).

Entre 1568 e 1584 não consta de documentos cariocas, o que faz especular que não residisse na cidade do Rio de Janeiro. Ali foi membro da câmara nos anos de 1584, 1587, 1588, 1592 e 1609 (CPRJ, pp. 306-308). Segundo Oliveira Belchior, apesar de ser considerado um dos conquistadores do Rio de Janeiro, e de ter ido para essa cidade em companhia do Capitão Mor Estácio de Sá, seu nome não consta dos beneficiários das primeiras sesmarias distribuídas pelo fundador do Rio de Janeiro, pois as primeiras terras datam de 1586. Assim, recebeu as seguintes sesmarias: em 9 de abril de 1586, sobejos¹⁸ em Jaguaré; em 1º de dezembro de 1587, 1.500 braças de largo e 2.000 de comprido, ao longo do rio da banda de Jaguaré; em 1596, juntamente com seu concunhado Domingos Machado¹⁹, terras no rio de Capivari, que tinham sido de Antônio de França, e, em 8 de maio de 1598, sobejos com 700 ou 800 braças, em Jaguaré. Consoante Noronha Santos²⁰, em requerimento firmado em 16 de agosto de 1595, Aleixo Manuel alegou a necessidade de cultivar terras sobejadas de uma sesmaria para atender ao sustento de muitos filhos e sobrinhos. Teria sido o patriarca dos Albernazes do Rio de Janeiro.

De acordo com o livro “Construtores e Artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro”, doravante nomeado CAMSB, Aleixo Manuel ergueu, cerca de 1582, uma ermida que tinha por orago Nossa Senhora da Conceição. Esta ermida ele e sua mulher doaram para a Ordem de São Bento. Segundo o autor (Silva-Nigra), era parente²¹ do Capitão Manuel de

¹⁷ *Tombo das Cartas das Sesmarias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional [do Rio de Janeiro], 1967, pp. 129-132.

¹⁸ A sobra de maiores quantidades.

¹⁹ Domingos Machado era casado com Ana Rodrigues, filha de Jordão Homem da Costa (PFRJ, II, p. 476-477).

²⁰ Anotações de Noronha Santos. In SANTOS, Luiz Gonçalves dos (1767-1844)-Padre Perereca. *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981. 2 volumes. Tomo I, p. 110.

²¹ Assim consta de CAMSB, pp. 13 e 14. Idem em *Livro do Tombo das Terras da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1930, p. 4.

Brito de Lacerda²². Aleixo Manuel e sua mulher doaram (CAMSB, p. 14) terras, em 13 de maio de 1596, à dita ermida, que tinham fundado 14 anos antes nas terras do já citado Manuel de Brito, com 1.000 braças de terras de largo no rio de Saracuruna, e com 1.300 de comprimento. Essas terras somavam cerca de 520 hectares.

Conforme constou do processo de habilitação²³ *de genere et moribus* de seu neto Manuel da Fonseca de Carvalho, Aleixo Manuel²⁴ e sua mulher foram dos primeiros moradores da cidade do Rio de Janeiro e das principais e nobres famílias da cidade. Pais de, entre outros:

- 1 (III)- CAPITÃO ALEIXO MANUEL, o moço, que segue.
- 2 (III)- PADRE PEDRO HOMEM ALBERNAZ, nasceu cerca de 1577 na cidade do Rio de Janeiro, onde foi presbítero, vigário e depois administrador da sua diocese. Ainda vivia em 1659, quando foi ou-

²² De acordo com Belchior (CPRJ), pp. 98-102, Manuel de Brito era natural de Beja e cavaleiro fidalgo da Casa del Rei. Veio para o Brasil cerca de 1562, pois, ao pedir sesmaria em 22 de julho de 1568, argumentou que viera do Reino a serviço de Sua Magestade havia 6 anos. Não é possível saber como seria o parentesco entre Aleixo Manuel e Manuel de Brito, se é que havia.

²³ Processo de habilitação *de genere et moribus*, ano de 1681, de Manuel da Fonseca Homem. In ACMRJ.

²⁴ O escritor José de Alencar, em seu livro histórico, *Alfarrábios*, na narrativa denominada **O Garatuja**, escreveu o seguinte:

A Rua do Aleixo Manuel, que só um século depois veio a chamar-se do Ouvidor, quando aí se estabeleceu a residência efetiva do primeiro magistrado da capitania, naquele tempo nem indícios dava da brilhante galeria do luxo e da moda, que se começou a formar com a vinda de El-Rei D. João VI, em 1808.

Muito lhe faltava ainda para merecer o nome de rua, que nem toda a gente lhe dava, dizendo simplesmente: “Para as bandas do Aleixo Manuel”. Teria então meia dúzia de casas; os mais eram cercas ou quintais.

Nos fundos de sua casa fez construir uma ponte para vencer os grandes pântanos que se espalhavam pela antiga Várzea da Cidade. Esta residência, ainda no século seguinte, permanecia em mãos da família e, com o advento de seu importante filho, o Padre Pedro, em 1670, o mesmo logradouro já aparece com a denominação de Rua Padre Homem da Costa ou Rua Padre Pedro Homem, conforme se vê na escritura de doação que fez Beatriz Álvares - de casas na rua do Padre Pedro Homem, indo para o São Francisco; Testemunhas: alferes Jorge Fernandes Cardoso - 481 (1º Ofício - 1670 - Livro Corrente, fl. 116v/M.33). Este se tornou um dos mais importantes logradouros do Rio de Janeiro colonial e imperial e, já em meados do século XVIII, se denominava rua do Ouvidor, o que ainda persiste. (Informação de Carlos Barata)

vido como testemunha (CAMSB, p. 265). Foi um dos signatários da carta escrita em 19 de abril de 1607, formalizando a doação de terras no outeiro do Carmo (morro de Santo Antônio) aos padres capuchos incumbidos de fundar na cidade o convento da ordem. Serviu nos anos de 1621 e 1622 o ofício de escrivão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi Prelado e Administrador da Diocese do Rio de Janeiro, eleito pelo clero da cidade em 23 de janeiro de 1630, tendo tomado posse no mesmo dia. Foi, depois, confirmado no cargo através da Carta Régia de 2 de setembro de 1639. Pôs-se ao lado dos jesuítas contra os que se opunham à liberdade dos índios. Teria entrado na Companhia de Jesus no final de sua vida (CPRJ, pp. 28-30).

- 3 (III)- BEATRIZ DA COSTA HOMEM, que segue no § 4°.
- 4 (III)- FRANCISCO DA COSTA HOMEM, Casou-se por volta de 1619 com FILIPA DE ANDRADE. Com geração em PFRJ, I, pp. 446 e 447.
- 5 (III)- MARIA ALBERNAZ, Casou-se com o castelhano DIOGO MENDES COLUNA, com geração (PFRJ, II, p. 590).
- 6 (III)- INÊS DA COSTA HOMEM. Vivia em 1617.

III- CAPITÃO ALEIXO MANUEL, o moço. Nasceu por volta de 1575, provavelmente no Rio de Janeiro. Serviu de testemunha no processo *de genere et moribus* do Licenciado Miguel de Andrade (ACMRJ, ano de 1644) em 28 de abril de 1644. Declarou ser cidadão da cidade do Rio de Janeiro, vereador da câmara mais velho dela no mesmo ano, e ter 69 anos de idade, pouco mais ou menos. Casou-se com ISABEL CABRAL. Com geração. Por escritura²⁵ lavrada em julho de 1613 na cidade do Rio de Janeiro, Aleixo Manuel, o moço e sua mulher Isabel Cabral, passaram procuração para seu pai, Aleixo Manuel, o velho, ao seu irmão o Reverendo Padre Pedro Homem e ao seu cunhado Belchior da Costa. Foi ainda vereador da câmara do Rio de Janeiro nos anos de 1639, 1642, 1643 (CPRJ, pp. 308-309).

§ 4°

III- BEATRIZ DA COSTA (HOMEM), filha do Capitão Aleixo Manuel, do § 3° nº II. Nasceu por volta de 1590 na cidade do Rio de Janeiro, onde se casou por volta de 1613 com o DR. JORGE FERNANDES DA FONSECA²⁶ (PFRJ, II, 150 e 516), licenciado, canonista de profissão, natural de Buarcos, bispado

²⁵ Livro de Notas nº 28 do 1° Ofício do Rio de Janeiro, caixa nº 12.839. In Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ). Fls. 119-v.

²⁶ Já se encontrava no Rio de Janeiro em 1612, quando vem atestado em uma procuração que lhe passou Francisco Viegas- 1° Ofício 12 (1612/4v./ Cx.1/M.A). (Informação de Carlos Barata)

de Coimbra, filho de Francisco da Fonseca, natural de Aveiro e de Juliana Nunes, natural de Lisboa. O Dr. Jorge Fernandes foi qualificado como cristão-novo²⁷, por ocasião da habilitação²⁸ à Ordem de Cristo de seu bisneto BALTAZAR DE ABREU CARDOSO, em 1698. Foram pais de:

- 1 (IV)- DR. FRANCISCO DA FONSECA DINIZ, médico, o “Gadelha”. Nasceu cerca de 1615 no Rio de Janeiro, onde se casou por volta de 1641 com D. ISABEL RANGEL DE MACEDO (PFRJ, I, p. 6), filha do português Baltazar de Abreu, natural da Ilha da Madeira, e de Isabel Rangel, dos Rangéis de Macedo. Com geração.
- 2 (IV)- PADRE MANUEL DA FONSECA CARVALHO, também denominado MANUEL DA FONSECA HOMEM. Sacerdote do hábito de São Pedro. Batizado em 12 de novembro de 1618 no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 20-v). Em 1683, declarou que havia 40 anos estava servindo de mestre da Capela da Sé- Nossa Senhora da Candelária (ACMRJ). De um auto cível de embargos (ACMRJ, ano de 1681), do Padre Frei Inácio da Cruz contra o Padre Manuel da Fonseca Homem, constou que, em 14 de novembro de 1645, de Lisboa, o Rei D. João IV de Portugal, fez saber ao Dr. Antônio de Mariz Loureiro, Administrador da Jurisdição da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e mais capitania de sua Repartição do Sul, que, por estar vago o ofício de mestre de capela da Igreja de Nossa Senhora da Candelária da dita cidade, se desse posse do dito ofício ao Padre Manuel da Fonseca. Desse auto cível constou que Manuel da Fonseca era das principais e nobres famílias da cidade do Rio de Janeiro, porquanto seus avós foram dos primeiros moradores que vieram de Portugal à conquista e povoação dela. Em 1673 habilitou-se ao sacerdócio (ACMRJ) Pedro Homem da Costa, exposto em casa do Padre Manuel da Fonseca, mestre de capela (não há menção de que seria ou não membro da sua família).
- 3 (IV)- CAPITÃO JORGE FERNANDES DA FONSECA, batizado²⁹ em 15 de outubro de 1620 no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 35-v). Teria sido

²⁷ A descendência do cristão-novo Jorge Fernandes da Fonseca foi estudada na dissertação de mestrado do Professor Paulo Valadares: *A Presença oculta: Genealogia, Identidade e Cultura Cristã-Nova Brasileira nos séculos XIX e XX*, USP, 2004.

²⁸ SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos: povoamento e conquista do solo brasileiro, 1530-1680*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1976. pp. 35, 43, 171, 220.

²⁹ Foram padrinhos Manuel dos Rios e Lucrecia de Viegas, mulher de Antônio de Macedo (de Vasconcelos).

este o Capitão Mor da Capitania de Itanhaém, de 1652 a 1653, e depois de 1658 a 1660. Casou-se, por volta de 1650, com ÚRSULA DE ABREU CARDOSO, falecida no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1674 (Sé, 5º, fls. 8). Com geração.

- 4 (IV)- GREGÓRIO NAZIANZENO DA FONSECA, batizado em 16 de maio de 1622 no Rio de Janeiro (Candelária, 3º, fls. 74-v), onde faleceu em 2 de abril de 1705 (Candelária, 3º, fls. 74v). Casou-se duas vezes, a primeira, por volta de 1653, com GRACIA DE BARCELOS, batizada (Candelária, 1º, fls. 24v) em 18 de fevereiro de 1638, no Rio de Janeiro, filha de Bartolomeu Machado e de Jerônima Machado, e segunda vez com MARIA PIMENTA DE CARVALHO (PFRJ, II, p. 118), batizada em 24 de setembro de 1648 no Rio de Janeiro (Irajá, 6º, fls. 6-v), falecida no Rio de Janeiro em 2 de maio de 1690 (Candelária, 2º, fls. 77-v), filha de Francisco Ferreira Travassos e de Maria Jácome de Melo. Com geração das duas. Do segundo casamento descendem os Cordovis.
- 5 (IV)- ANTÔNIO, batizado em 24 de outubro de 1624 no Rio de Janeiro (Sé, 2º, fls. 27-v).
- 6 (IV)- MATIAS, batizado em 12 de abril de 1628 no Rio de Janeiro (Sé, 2º, fls. 83).

§ 5º

- II- MANUEL ALBERNAZ (filho de Fuão Albernaz, do § 3º nº I). Nasceu por volta de 1550, provavelmente na Ilha do Faial. Em 1578 era morador na cidade do Rio de Janeiro, quando recebeu uma sesmaria, em 9 de dezembro daquele ano, em Jaguaré, com 600 braças de largo e 1.500 de comprimento. Casou-se por volta de 1584, provavelmente no Rio de Janeiro, com (sua concunhada) MARGARIDA DA COSTA, nascida por volta de 1565 na Ilha Terceira, filha de Jordão Homem da Costa.

Manuel Albernaz já era falecido em 13 de maio de 1596, quando seu irmão Aleixo Manuel passou escritura de doação da capela de Nossa Senhora da Conceição ao Mosteiro de São Bento. Viúva, Margarida da Costa casou-se novamente, consoante minha hipótese, cerca de 1596, com JOÃO RODRIGUES FALEIRO, natural da Vila da Praia, Ilha Terceira, moço da Câmara de Sua Magestade, com moradia. Vide Título Homens da Costa, § 1º nº II.

Filhos de Manuel de Albernaz e de sua mulher Margarida da Costa:

- 1 (III)- CAPITÃO MANUEL HOMEM ALBERNAZ. Faleceu abintestado³⁰ na cidade do Rio de Janeiro, conforme constou do testamento de seu sobrinho, o Capitão Manuel Homem Albernaz (adiante, neste

³⁰ Significa *sem ter feito testamento*.

mesmo parágrafo, nº IV). Casou-se, provavelmente na vila de São Paulo, com MARIA MADALENA, ou MARIA CUBAS (SL, VI, 224), filha de Gaspar Cubas³¹, que foi juiz ordinário na vila de São Paulo, falecido em 1648, com inventário, e de sua mulher Isabel Sobrinho. Segundo Silva Leme, Maria Madalena faleceu em 1644 em Mogi das Cruzes, sem geração.

2 (III)- CAPITÃO JOÃO HOMEM DA COSTA, que segue.

3 (III)- APOLÔNIA ALBERNAZ, que segue no § 8º.

III- CAPITÃO JOÃO HOMEM DA COSTA (o velho). Nasceu por volta de 1588, provavelmente na cidade do Rio de Janeiro. Morador na vila de Mogi das Cruzes, onde foi homem principal e serviu o cargo de juiz ordinário no ano de 1633. Ali faleceu em 15 de setembro de 1644. Casou-se, provavelmente na vila de São Paulo, por volta de 1614, com JOANA DE CHAVES, nascida cerca de 1596 na vila de São Paulo, filha de Manuel Godinho de Lara, nascido cerca de 1572 na vila do Espírito Santo, capitania do mesmo nome, e de sua mulher Maria de Chaves (SL, IX, p. 54); neta paterna de Francisco Godinho e de sua mulher Joana Fernandes, ambos falecidos³² em São Paulo, ele com inventário em 1610, ela com testamento em 1613; neta materna de Domingos Dias, natural da freguesia de S. Miguel, termo de Lourinhã e de sua mulher Mariana de Chaves, irmã do Reverendíssimo Padre Manuel de Chaves.

Em 1618, João Homem da Costa já era morador na vila de São Paulo, consoante a carta de data³³ de chãos (20 braças em quadra) que recebera, em 1º de novembro daquele ano. Por ele fez pedido o seu irmão, que assinou Manuel Homem da Costa. Este alegou que João Homem não tinha chãos nessa vila para poder fazer suas casas para se recolher com sua mulher e filhos, e que sua mulher (Joana de Chaves) era filha e neta de conquistadores e que defenderam a terra.

João Homem da Costa, designado *o velho*, recebeu no ano de 1642 (Sesmarias, I, 451), juntamente com seu irmão Manuel, com seu filho João Homem, o moço, e seu genro Manuel Coelho de Sousa, uma enorme sesmaria na vila de Mogi das Cruzes, com 4 léguas de terras em quadra³⁴

³¹ Sobrinho-neto de Brás Cubas, cavaleiro-fidalgo, fundador da vila de Santos.

³² Ambos em *Inventários e Testamentos*, volume II, p. 479.

³³ *Cartas de Datas de Terras*. São Paulo: Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1937. Volume II, pp. 56 e 57.

³⁴ Dividir 4 léguas em quadra por quatro sócios equivale a dizer que caberia 1 légua de comprimento por quatro léguas de fundo para cada um (equivalente a 7.200 alqueires paulistas).

(cerca de 28.800 alqueires paulistas, no total), no rio Paraíba abaixo, alegando serem filhos e netos de povoadores. João Homem (o velho) foi morador em Mogi, onde era juiz ordinário no ano de 1633. Fez testamento em 22 de novembro de 1643 na vila de Mogi das Cruzes que recebeu o “cumpra-se” em 15 de setembro de 1644; nele pediu que seu corpo fosse sepultado na igreja de Nossa Senhora do Carmo. Por sua morte se fez inventário³⁵ em 3 de outubro de 1644 na vila de Mogi das Cruzes, sendo curador dos órfãos Antônio de Faria Albernaz. Pelo seu testamento, nota-se que mantinha negócios com vários moradores da Ilha de São Sebastião e com o fundador de Ubatuba, o Capitão Jordão Homem da Costa (seu primo). E da relação dos seus bens, além dos que possuía em Mogi, constou “mais cinco braças de chãos no Rio de Janeiro na paragem que se chama *a prainha*”.

Sua mulher, Joana de Chaves, fez testamento em 3 de setembro de 1652 na vila de Mogi das Cruzes, pedindo para seu corpo ser sepultado na igreja matriz da dita vila. Seu testamento recebeu o “cumpra-se” em 17 de janeiro de 1653 e por sua morte se fez auto de inventário³⁶ em 21 de junho de 1653 na mesma vila, sendo curador dos órfãos Manuel Coelho de Sousa. De João Homem da Costa e de Joana de Chaves nasceram 8 filhos, sendo 4 machos e 4 fêmeas:

- 1 (IV)- JOÃO HOMEM DA COSTA, o moço, que segue.
- 2 (IV)- ANA DA COSTA ALBERNAZ, que segue no § 6º.
- 3 (IV)- FRANCISCA DA COSTA ALBERNAZ. Nasceu cerca de 1627. Casou-se, cerca de 1645, com geração, com FRANCISCO VELHO DE MORAIS, irmão inteiro do Padre Manuel de Moraes³⁷, preso pela Inquisição por ter se convertido à fé huguenote. O Capitão Francisco (SL, VII, 165) era filho de Francisco Velho e de Ana de Moraes d’Antas. Francisca havia feito testamento em data não declarada, no mesmo ano de 1670. Seu testamento recebeu o “cumpra-se” em 26 de abril de 1670 em São Paulo, onde foi feito o auto³⁸ de inventário em 5 de maio de 1670.
- 4 (IV)- CAPITÃO MANUEL HOMEM ALBERNAZ, que segue no § 7º.
- 5 (IV)- MARGARIDA DA COSTA (HOMEM) casou-se, com geração, com o CAPITÃO JOÃO VAZ CARDOSO (SL, VIII, 278), irmão de José

³⁵ DAESP, nº de ordem 7973.

³⁶ DAESP, nº de ordem 7973, anexo ao do marido.

³⁷ Seu processo foi transcrito na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 1907, tomo 70, parte I, pp. 1 a 165. Foi personagem do romance histórico *O Príncipe de Nassau*, de autoria de Paulo Setúbal.

³⁸ Inventários e Testamentos, volume 18, pág. 5.

- Preto e de Francisco Preto, filhos de José Preto e de Catarina Dias, esta filha do fundador de Mogi das Cruzes, Gaspar Vaz. João Vaz faleceu no ano de 1652 em Mogi das Cruzes.
- 6 (IV)- JOSÉ DA COSTA HOMEM, morador na vila de São Paulo em 1677. Seria o casado com a filha de João Bicudo de Brito (Inventários e Testamentos, XIX, p. 76). Foram pais de, ao menos, ANTÔNIO DA COSTA HOMEM.
- 7 (IV)- DOMINGOS HOMEM ALBERNAZ. S.m.n.
- 8 (IV)- MARIA DE ALBERNAZ. S.m.n.
- IV- JOÃO HOMEM DA COSTA, o moço. Recebeu sesmaria em Mogi das Cruzes no ano de 1641, juntamente com Manuel Nogueira. Pode ser esse o que se casou com MARIA PEDROSO, que seria da família Alvarenga, os quais foram pais de, que se descobriu:
- 1 (V)- BELCHIOR HOMEM DA COSTA nasceu na vila de Itu. Fez testamento³⁹ em 1º de junho de 1706 na vila de Jacareí, então Nossa Senhora da Conceição do Paraíba, tendo falecido no mesmo mês, tendo pedido para ser enterrado na sua igreja matriz. No citado instrumento, declarou ser natural da vila de Itu, filho de João Homem da Costa e de sua mulher Maria Pedroso, e pedia que fossem nomeados testamenteiros seu irmão Francisco Homem e o cunhado Pedro Moreira Durões. Casou-se em 1692 em Itu com MARGARIDA CORRÊA (SL, V, p. 419), filha do Capitão Sebastião Pedroso Baião e de sua segunda mulher Florência Corrêa. Pais de: PEDRO HOMEM ALBERNAZ (casado em 1723 em Paraíba com ROSA DIAS DE PONTES), JOÃO, JOSÉ, e SEBASTIÃO. Margarida faleceu em 1737 em Itu aos 66 anos de idade, onde se casou segunda vez (em 1707) com Baltazar Pereira do Lago e terceira (em 1708) com Brás Cardoso de Aguiar.
- 2 (V)- MECIA RIBEIRO DE ALVARENGA. Casou-se com PEDRO MOREIRA DURÕES, filho de Antônio Moreira e de Maria de Pais de, ao menos: JOANA MOREIRA (casada em 1720 em Itu com FRANCISCO VELHO- SL, VI, p. 151) e de MARIA PEDROSO (casada em 1728, em Itu, com URSULINO DE GODOY, irmão de Francisco Velho, acima).
- 3 (V)- FRANCISCO HOMEM. S.m.n.

§ 6º

- IV- ANA DA COSTA ALBERNAZ (filha do Capitão João Homem da Costa, do § 5º nº III). Nasceu por volta de 1623. Fez testamento em 8 de julho de 1678

³⁹ DAESP, nº de ordem CO 5463, Contas do Juízo dos Resíduos.

em Mogi das Cruzes, onde faleceu em 13 de agosto do mesmo ano. Em seu testamento declarou que desejava que seu corpo fosse sepultado na igreja matriz da vila de Mogi das Cruzes, em cova de sua mãe Joana de Chaves. Declarou ter se casado duas vezes, a primeira com MANUEL COELHO DE SOUSA e segunda vez, sem haver geração, com ANTÔNIO RODRIGUES BICUDO, que a abandonou, levando tudo o que possuíam. Por morte de Ana da Costa, se fez auto de inventário⁴⁰ em 21 de maio de 1679 em Mogi das Cruzes.

Por morte de Manuel Coelho de Sousa se fez auto de inventário⁴¹ em 6 de outubro de 1660 na vila de Taubaté, sendo inventariante a viúva Ana da Costa Albernaz, que declarou que seu marido faleceu sem testamento. De bens de raiz, a viúva declarou que possuíam uma sesmaria em “yaguari”, partindo com seus irmãos, não sabendo precisar a quantidade, com o título em poder dos mesmos, em Mogi das Cruzes. Eram possuidores, ainda, de outra sorte de terras, medindo 750 braças de testada por meia légua de sertão, no termo de Taubaté, na paragem chamada “Barreiros”, no caminho velho do mar de Ubatuba. Devia ao defunto Manuel Coelho, Antônio Teixeira Cid (no § 8º nº V), que o seu cunhado Inácio Jaques Albernaz, por seu mandado, havia pedido ao inventariado. Do inventário de Manuel Coelho ainda constou uma carta ao primo (era primo de sua mulher Ana da Costa) Antônio do Zouro, em Taubaté. Foi nomeado curador da órfã Helena o irmão da mãe dela, Manuel Homem Albernaz (também nomeado Manuel Homem da Costa), e do qual inventário constou que Ana da Costa era sobrinha de Fernão Faleiro, este cunhado de Francisco de Pontes⁴² e que Francisco de Pontes era filho de Maria Cardoso. Por morte de Ana da Costa se fez auto⁴³ de inventário em 21 de maio de 1679 na vila de Mogi das Cruzes.

Filha única de Ana da Costa e de seu marido Manuel Coelho de Sousa:

1 (V)- HELENA COELHO, nascida cerca de 1648 e que se casou com CRISTÓVÃO DE EDRA. S.m.n.

§ 7º

IV- CAPITÃO MANUEL HOMEM ALBERNAZ (filho do Capitão João Homem da Costa, do § 5º nº III) nasceu por volta de 1630 em Mogi das Cruzes. Ca-

⁴⁰ DAESP, nº de ordem 7974, inventários do 2º Cartório de Mogi das Cruzes.

⁴¹ Pesquisa do Dr. H.V. Castro Coelho no Arquivo Municipal de Taubaté Dr. Félix Guisard Filho.

⁴² Em Revista da ASBRAP nº 10, p. 191, Francisco de Pontes foi nomeado Francisco de Araújo de Andrade.

⁴³ DAESP, nº de ordem 7974.

sou-se, primeira vez, por volta de 1659 na vila de São Paulo, com ISABEL DE BARROS FREIRE (SL, VII, 170), com geração, filha do português Francisco de Barros Freire, natural da cidade de Setúbal (freguesia de Santa Maria da Graça) e de sua mulher (casados em 10 de novembro de 1632 na Sé de São Paulo) Catarina de Freitas. O Capitão Manuel casou-se segunda vez com MARIA CORDEIRO DE ALMADA (desta sem geração), natural da vila de Jundiaí, filha de Domingos Cordeiro e de Suzana de Almada. Logo após seu primeiro casamento, foi morador na Ilha de São Sebastião e finalmente, cerca de 1681, transferiu residência para Itu, onde fez testamento⁴⁴ em 10 de dezembro de 1706, o qual recebeu o “cumpra-se” em 14 do mesmo mês e ano. Era homem bem afazendado e muito minucioso nas informações que prestou no dito instrumento. O Capitão Manuel fez testamento em 10 de dezembro de 1706 na vila de Itu, nele declarando que seus filhos eram herdeiros na herança de um seu tio, Manuel Homem, que faleceu abintestado no Rio de Janeiro. Pais de, entre outros:

- 1 (V)- CAPITÃO JORDÃO HOMEM ALBERNAZ natural da vila de São Sebastião, onde foi batizado em 1º de novembro de 1661. Morador em Itu, ali serviu os cargos da república, entre os quais o de juiz ordinário. Em Itu casou-se em 2 de maio de 1683 com JOANA DE ALMEIDA (SL, IV, p. 407), ou JOANA DE OLIVEIRA, natural da vila de Parnaíba, filha do Capitão Mor da vila de Parnaíba João de Anhaya de Almeida e de Isabel Delgado. Jordão e sua mulher Joana foram os fundadores da capela de Nossa Senhora da Conceição de Itapucu, em Itu. Jordão faleceu em 22 de novembro de 1743 (Lº nº 128, fls. 41-v) e Joana em 23 de outubro de 1752 (Lº nº 128, fls. 96), ambos em Itu. Foram bisavós de D. MARIA DA CUNHA DE ALMEIDA, mulher do Sargento Mor Antônio Ferraz de Campos. Por sua vez, estes foram pais do Barão de Cascalho, avós dos Barões de Porto Feliz e de Monte Mor, bisavós do DR. MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES (presidente da República do Brasil), pentavós do autor.

§ 8º

- III- APOLÔNIA DE ALBERNAZ (filha de Manuel Albernaz, do § 5º nº II). De acordo com uma escritura⁴⁵ lavrada em 12 de abril de 1613 na cidade do Rio de Janeiro, apareceu João Rodrigues Faleiro⁴⁶, morador na cidade do

⁴⁴ DAESP, nº de ordem 784, prestação de contas.

⁴⁵ Livro de Notas nº 28, do 1º Ofício do Rio de Janeiro, caixa nº 12.839, fls. 66 a 66-v. *In* ANRJ.

⁴⁶ Embora não conste do documento, João Rodrigues Faleiro seria padraсто da mulher de Mateus Jaques, consoante minha hipótese.

Rio de Janeiro e cidadão dela, constituindo por seu bastante procurador a seu genro Mateus Jaques (PFRJ, II, 362). Do seu casamento com MATEUS JAQUES nasceram:

- 1 (IV)- LÚCIA⁴⁷, batizada⁴⁸ (Sé, 1º, fls. 27) em 19 de setembro de 1619 no Rio de Janeiro.
- 2 (IV)- INÁCIO JAQUES ALBERNAZ (na dúvida se é filho do casal acima), que segue.

IV- INÁCIO JAQUES (ALBERNAZ) casou-se⁴⁹ em 9 de novembro de 1638 no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 121), na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, com MARIA VAZ, que depois de viúva⁵⁰ foi a segunda mulher (casados cerca de 1656) do Capitão Manuel da Costa Cabral (SL, VII, p. 343), viúvo de Francisca Cardoso (falecida em 1655 em Taubaté). Filhos de Inácio Jaques e de Maria Vaz⁵¹:

- 1 (V)- APOLÔNIA DE ALBERNAZ, batizada (Candelária, 1º, fls. 32-v) no Rio de Janeiro em 28 de setembro de 1638. Casou-se cerca de 1655 com o CAPITÃO ANTÔNIO TEIXEIRA CID, natural de São Paulo e moradores em Taubaté, com geração.
- 2 (V)- INÁCIO JAQUES (ALBERNAZ), que segue.

V- INÁCIO JAQUES ALBERNAZ⁵². Nasceu cerca de 1641. Conforme constou do inventário de Manuel Coelho de Sousa (§ 6º nº IV), era cunhado do Capitão Antônio Teixeira Cid. Casou-se cerca de 1661 em Taubaté com FERNANDES, nascida cerca de 1645, irmã do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça (1658-1725). Pais de, ao menos:

- 1 (VI)- ASCENSO FERNANDES JAQUES, ou ASCENSO JAQUES ALBERNAZ. Nasceu cerca de 1662. Casou-se cerca de 1682 com Faleceu cerca de 1695, deixando uma filha, de nome MARIA, nascida cerca de 1683, que teve por tutor a Domingos Rodrigues Pais.

⁴⁷ Consta como *Luzia*, em PFRJ, II, p. 362.

⁴⁸ Foi padrinho Alberto Faleiro e madrinha Margarida da Costa, sua mãe e avó da dita Lúcia, mulher de João Rodrigues Faleiro.

⁴⁹ Não há citação da filiação dos noivos (falha do pároco?). Foram testemunhas: Capitão Mateus de Freitas, Gonçalves de Sousa e muitos outros mais.

⁵⁰ Informações do Dr. H.V. Castro Coelho. Maria Vaz teve do Capitão Manuel da Costa Cabral o filho Belchior, nascido cerca de 1657, herdeiro no inventário de seu pai, em 1659.

⁵¹ Informações do Dr. H.V. Castro Coelho.

⁵² Informações do Dr. H.V. Castro Coelho.

- 2 (VI)- MANUEL JAQUES ALBERNAZ nasceu cerca de 1664. Era sobrinho de Ana Fernandes (casada com Francisco Pedroso, falecido em Taubaté com testamento em 1687), de Salvador Fernandes Furtado e de outros (Arquivo Histórico Municipal Félix Guisard, em Taubaté).
- 3 (VI)- MARIA JAQUES ALBERNAZ. Já era casada em 1698 com DOMINGOS RODRIGUES PAIS, nascido cerca de 1670, irmão do Capitão Antônio Jorge Pais (Arquivo Histórico Municipal Félix Guisard, em Taubaté). Em 1705, Maria Jaques passou uma procuração ao marido e ao tio Salvador Fernandes Furtado. Foram pais de: APOLÔNIA, batizada (Livro de Batismos, 1688/1703, fls. 32) em 17 de agosto de 1698 em Taubaté.

§ 9º

- II- ISABEL DE FARIA (filha de Fuão Albernaz, do § 3º nº I). Nasceu por volta de 1558, provavelmente na Ilha do Faial. Casou-se, por volta de 1590, provavelmente na cidade do Rio de Janeiro, com JOÃO GONÇALVES EVANGELHO⁵³. Pais de (único?):
- 1 (III)- CAPITÃO ANTÔNIO DE FARIA ALBERNAZ, que segue.
- 2 (III)- MARIA DE FARIA. Casou-se⁵⁴ em 9 de abril de 1617, no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 6) com ANTÔNIO DUTRA DE ANDRADE, filho de Manuel Dutra e de Bárbara da Costa, todos naturais da Ilha do Faial. Com geração (PFRJ, I, p. 547).
- 3 (III)- DE FARIA. Homem ou mulher, foi pai ou mãe de:
- 1 (IV)- JOÃO DE FARIA EVANGELHO⁵⁵ (PFRJ, II, p. 18), nascido por volta de 1627 e falecido antes de 1660. Casou-se por volta de 1652 com ISABEL DE MENEZES, com geração.
- III- CAPITÃO ANTÔNIO DE FARIA ALBERNAZ. Nascido, provavelmente, na cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1595. Ali se casou (Sé, 1º, fls. 18), em 8 de abril de 1619, com CATARINA DE CISNEIROS, filha de Salvador Fernandes da Silva, já defunto em 1619, e de Violante da Rocha. Ele passou para Mogi das Cruzes, onde foi juiz ordinário em 1645, e depois para Taubaté, onde foi juiz ordinário em 1655 e onde faleceu em 1663. Já ido-

⁵³ Apelido tipicamente açoriano. S.m.n.

⁵⁴ Foram testemunhas do casamento: Diogo Mendes, Aleixo Manuel (o moço), Francisco da Costa Homem, Pero Albernaz, Martim Gonçalves e Paula de Faria.

⁵⁵ De acordo com Carlos Barata, recebeu carta de sesmaria, tendo por sócio a Francisco de Andrade, de 600 braças no Rio Cayoaba em 10 de julho de 1656. [Livro 28º do Tombo das Sesmarias – 1649-1678].

so, cerca de 1661, casou-se segunda vez com MARIA DE LARA, irmã inteira de Joana de Chaves, mulher de seu primo o Capitão João Homem da Costa. Maria de Lara era viúva de Januário Ribeiro, falecido⁵⁶ em 1638 em São Paulo. O Capitão Antônio teve filho (único?), de seu primeiro matrimônio:

- IV- CAPITÃO SALVADOR DE FARIA ALBERNAZ. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde foi batizado⁵⁷ (Sé, 2º, fls. 31-v) em 24 de fevereiro de 1625. Casou-se com FRANCISCA RIBEIRO DUARTE (SL, VII, 168), filha de Januário Ribeiro e de sua mulher Maria de Lara, acima citados. Com descendência em Taubaté (são pentavós do Barão de Taubaté) e em Goiás.

§ 10º

Desentroncado

- IV- ANTÔNIO HOMEM DA COSTA. Era sobrinho de Manuel Homem Albernaz, do § 7º nº IV. Casou-se com MARIA PEREIRA BICUDO, com filha única, igualmente MARIA PEREIRA BICUDO, que se casou com ANTÔNIO TAVARES DO AMARAL. Antônio Homem faleceu com testamento em 1667, nele pedindo que seu corpo fosse sepultado na matriz da vila de Mogi das Cruzes; declarou ainda que teve um filho natural, de nome FREDERICO.

TÍTULO HOMENS DA COSTA

§ 1º

- I- CAPITÃO JORDÃO HOMEM DA COSTA. Nasceu por volta de 1525, provavelmente na Ilha Terceira⁵⁸. De acordo com as hipóteses lançadas na introdução deste trabalho, teria se casado, pelo menos, duas vezes, sempre nos Açores. A primeira vez, certamente na Ilha Terceira, cerca de 1551. Ignora-se o nome dela. Rheingantz (PFRJ, II, 354) a nomeia APOLÔNIA RODRIGUES ou APOLÔNIA DOMINGUES⁵⁹, muito embora não cite a fonte, e seu nome não conste de nenhum documento conhecido. Segundo a mesma hipótese, casou-se segunda vez, na Ilha do Faial ou na Ilha Terceira, cerca de 1560, com Fulana de FARIA, que seria viúva de Fuão ALBERNAZ, em título Albernazes.

⁵⁶ Seu inventário foi publicado em *Inventários e Testamentos*, volume 12, p. 129.

⁵⁷ Foram seus padrinhos Gregóriodes (Mendes?) da Silva e Maria da Silveira, mulher de Diogo Lobo Teles.

⁵⁸ Sabe-se, com certeza, que sua filha Francisca era natural da Ilha Terceira.

⁵⁹ BARROS, Dalmiro da Motta Buys de. *Banhos: resumos dos processos de casamentos do Bispado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1992, 3º fascículo, p. 62.

Filhos do Capitão Jordão Homem e de sua primeira mulher:

- 1 (II)- FRANCISCA DA COSTA, nascida cerca de 1554 na Ilha Terceira, mulher do CAPITÃO ALEIXO MANUEL, o velho, de quem se trata em Título Albernazes, § 3º nº II.
- 2 (II)- ANA RODRIGUES (ou ANA DA COSTA) casou-se por volta de 1575, certamente no Rio de Janeiro, com DOMINGOS MACHADO, que foi oficial da câmara do Rio de Janeiro em 1587 e 1589 e senhor de sesmarias no termo da cidade do Rio de Janeiro. Foi um dos signatários, em 28 de fevereiro de 1592, da carta de doação da ermida de Santa Luzia, passada em favor dos religiosos franciscanos, que desejavam fundar um convento da Ordem na cidade (vide CPRJ, p. 297 e 298). Com geração (PFRJ, II, p. 477).
- 3 (II)- ANTÔNIO DA COSTA. Vivo em 1620. S.m.n.
- 4 (II)- MARGARIDA DA COSTA, que segue.

Filhos do Capitão Jordão Homem e de sua segunda mulher:

- 5 (II)- LUÍS DE FARIA HOMEM, que segue no § 2º.

II- MARGARIDA DA COSTA nasceu cerca de 1565, provavelmente na Ilha Terceira. Casou-se, conforme as hipóteses lançadas na introdução deste trabalho, por volta de 1584, provavelmente na cidade do Rio de Janeiro, com MANUEL ALBERNAZ, com geração lançada em Título Albernazes, § 5º nº II. Casou-se segunda vez, cerca de 1596, provavelmente no Rio de Janeiro, com JOÃO RODRIGUES FALEIRO⁶⁰, natural da Vila da Praia, Ilha Terceira, moço da Câmara de Sua Magestade, com moradia, filho de outro João Rodrigues Faleiro, o velho, e de sua mulher Andreza Dias. O velho Faleiro serviu o cargo de juiz na Vila da Praia, à lei da nobreza, com cavalo na estrebalaria e utilizando-se do serviço de escravos, conforme constou da justificação que seu filho homônimo fez no ano de 1607, onde mostrou que era cristão-velho pelos quatro costados. Filhos de João Rodrigues Faleiro e de Margarida da Costa:

- 1 (III)- ALBERTO FALEIRO, habilitado *de genere et moribus* no ano de 1620 (ACMRJ), quando ainda era estudante. Seu patrimônio foi concedido em maio de 1620, no Rio, em casas de morada de João Rodrigues Faleiro e de sua mulher, a senhora Margarida da Cos-

⁶⁰ Em 1612 Francisco Paes Ferreira fez escritura de partido, do Engenho Nossa Senhora da Vitória, com Faleiro e sua esposa lavrada nas notas do 1º Ofício (1612/ Livro Corrente, fls. 15) - sem efeito. Atestado Faleiro em 1613, numa procuração que fez a seu genro Mateus Jaques- 1º Ofício (1613/ Livro Corrente, fls. 66 e 67, Cx.1/M.A). (Informações de Carlos Barata).

ta. Eram casas e chãos, na rua de Aleixo Manuel, o velho, e o doador foi seu tio Antônio da Costa.

2 (III)- FERNÃO FALEIRO HOMEM, que segue.

III- CAPITÃO FERNÃO FALEIRO HOMEM nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu (Candelária, 2º, fls. 31) em 8 de setembro de 1678, e onde teria se casado por volta de 1640 com INÊS DE ANDRADE⁶¹, batizada (Sé, 1º, fls. 30) em 27 de fevereiro de 1620 na cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu (Candelária, 2º, fls. 49), filha do Capitão Belchior de Andrade de Araújo e de sua mulher Maria Cardoso. Pais de:

1 (IV)- ISABEL, batizada em 14 de fevereiro de 1647 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 81).

2 (IV)- FRANCISCO, batizado em 2 de março de 1648 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 85).

3 (IV)- D. MARIA FALEIRO. Falecida em 9 de maio de 1683 no Rio de Janeiro (Candelária, 2º, fls. 52). Foi a segunda mulher do CAPITÃO DOMINGOS AIRES DE AGUIRRE (SL, IX, p. 28; PFRJ, I, 28), nascido por volta de 1637 (em São Paulo?), filho de Diogo Aires de Aguirre e de sua mulher Mariana Leitão de Vasconcelos. O Cap. Domingos era viúvo de Inês Rabelo, que faleceu no Rio (Candelária, 2º, fls. 52) em 9 de maio de 1683 (há erro nessa data). Domingos faleceu no Rio (Candelária, 2º, fls. 22) em 6 de dezembro de 1687; era pai de Fernão Faleiro de Aguirre e cunhado de Pedro Gago da Câmara. Deixou 6 filhos de sua segunda mulher D. Maria Faleiro.

4 (IV)- ÁGUEDA FALEIRO, batizada em 17 de março de 1652 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 99-v). Casou-se com o CAPITÃO INÁCIO DE MADUREIRA MACHADO (PFRJ, I, p. 216), filho do Capitão José de Barcelos Machado e de D. Bárbara da Madureira. Com geração.

5 (IV)- INÁCIO, batizado em 4 de agosto de 1653 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 108).

6 (IV)- PEDRO, batizado em 6 de maio de 1655 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 121).

7 (IV)- CAPITÃO MANUEL FALEIRO HOMEM, natural do Rio de Janeiro, onde foi batizado (Candelária, 1º, fls. 129) em 22 de junho de 1656 e ali falecido (Sé, 9º, fls. 118) em 22 de dezembro de 1715. Casou-se no Rio de Janeiro (Sé, 2º, fls. 49-v) em 8 de julho de 1675 com D. BÁRBARA DE SOUSA (PFRJ, I, p. 355), também na-

⁶¹ Sua ascendência *in* Revista da ASBRAP nº 10, p. 191. Era irmã de Francisco de Pontes, ou Francisco de Araújo de Andrade.

tural do Rio, onde foi batizada em 31 de agosto de 1658 (Sé, 4º, fls. 17), filha do Capitão Constantino Coelho Madureira, natural da Capitania de Pernambuco e de D. Isabel de Mello Feijó, natural do Rio de Janeiro, onde ela e seu marido foram moradores. Pais de, entre outros: LICENCIADO JOÃO FALEIRO HOMEM, batizado⁶² no Rio (Sé, fls. 119) em 25 de abril de 1677, e habilitado (ACMRJ) *de genere et moribus* em 1706.

- 8 (IV)- D. INÊS DE ANDRADE, batizada em 23 de dezembro de 1658 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 143). Casou-se com PEDRO GAGO DE CÂMARA (PFRJ, II, p. 214), batizado em 4 de março de 1652 no Rio de Janeiro (Candelária, 1º, fls. 100), filho do Capitão Lopo Gago da Câmara e de D. Úrsula da Silveira. Com geração.

§ 2º

- II- LUÍS DE FARIA HOMEM (filho do Capitão Jordão Homem da Costa, do § 1º nº I). Recebeu, em 5 de junho de 1596, terras em Suruí, antes pertencentes a André Lopes e a João Francisco, as quais mediam 600 braças de largo e 1.000 de comprimento (CPRJ, p. 258). No processo de seu sobrinho Alberto Faleiro, constou que Luís de Faria Homem⁶³ era morador na cidade do Rio de Janeiro e que tinha um instrumento de testemunhas de abonação de sua pessoa e parentes. Casou-se com ASCENÇA DE ANDRADE, já defunta em 1617. Pais de:
- 1 (III)- CAPITÃO JORDÃO HOMEM DA COSTA (na dúvida), que segue.
 - 2 (III)- ISABEL HOMEM (na dúvida), que segue no § 3º.
 - 3 (III)- JOÃO HOMEM. Casou-se⁶⁴ no Rio (Sé, 1º, fls. 44) em 18 de abril de 1622 com BEATRIZ DORNELES, filha de Antônio Vogado e de sua mulher Leocádia Fagundes, todos moradores na cidade do Rio de Janeiro.
 - 4 (III)- PADRE PEDRO HOMEM DA COSTA. Um sacerdote desse nome foi o celebrante de um batizado em Santos, em 23 de setembro de

⁶² Foram seus padrinhos: Capitão Custódio Coelho Madureira e Inês de Andrade. A habilitação de João Faleiro encontra-se bastante deteriorada, o que impede a abertura do caderno e, dessa forma, a leitura.

⁶³ Luís de Faria adquiriu em 1612 um dos lotes divididos por Antônio da Palma, na várzea da cidade do Rio de Janeiro, conforme escritura das notas do Tabelião do 1º Ofício - (1612 / Livro Corrente, fls. 1/Cx.1/M.A). (Informação de Carlos Barata).

⁶⁴ Todos moradores na cidade do Rio de Janeiro. Testemunhas: o Sr. Administrador, Padre Pedro Homem Albernaz, o Padre Antônio Álvares, João do Zouro, Diogo Mendes Coluna e Lucas Rodrigues.

- 1648, de Pedro de Sousa Muniz, habilitado de genere em 1678 (ACMSP).
- 5 (III)- MARIA DA COSTA, falecida no Rio de Janeiro em 5 de setembro de 1639 (Sé, 3º, fls. 6). Casou-se⁶⁵ no Rio (Sé, 1º, fls. 9), em 6 de novembro de 1617, com SALVADOR DE SOUSA, viúvo, com geração.
- 6 (III)- JOANA DE ANDRADE. Casou-se no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 41-v), entre 6 de fevereiro e 4 de abril de 1622, com PEDRO DE OLIVEIRA, natural de São Pedro de Favoares, Ponte de Lima, arcebispo de Braga, filho de João Francisco de Oliveira e de Leonor Fernandes. Com geração.
- III- CAPITÃO JORDÃO HOMEM DA COSTA⁶⁶ nasceu por volta de 1590. Casou-se⁶⁷, primeira vez, em 17 de agosto de 1620, no Rio de Janeiro (Sé, 1º, fls. 28), com BÁRBARA NUNES, com geração, filha de Manuel Nunes e de Jerônima Pinheiro, já defunta em 1620. Viúvo, casou-se (segunda vez?), entre 1622 e 1628, com ANA DE SOUSA PEREIRA, falecida em 15 de setembro de 1679 no Rio de Janeiro (Sé, 5º, fls. 84), filha⁶⁸ do Capitão João Pereira de Sousa Botafogo e de Maria da Luz (Escórcio Drumond). Dos livros de notas de Ubatuba, constam escrituras⁶⁹ nas quais Jordão vem nomeado capitão mor e ouvidor da vila de Ubatuba, e que foi fazer a vila e igreja à sua custa⁷⁰, por provisão da Senhora Condessa (de Vimieiro) Dona Mariana de

⁶⁵ Foram testemunhas do casamento: Aleixo Manuel (o moço), Luís de Barcelos (natural da Ilha Terceira), Bartolomeu Lopes, e outros.

⁶⁶ Conforme Belchior, o marido de Ana de Sousa vem nomeado João Homem da Costa (CPRJ, p. 453) e Jordão Homem da Costa (CPRJ, p. 258). Curiosamente, a fonte citada foi a mesma: Rheingantz, Carlos. *A família Botafogo. In Brasil Genealógico*, I, 1960, p. 62. No artigo, o autor o trata por Jordão.

⁶⁷ Todos moradores na cidade do Rio de Janeiro. Foram testemunhas: o Padre Pedro Homem Albernaz, João do Zouro, Luis de Barcelos, Aleixo Manuel (não se esclareceu se era o velho ou o moço) e Salvador de Sousa.

⁶⁸ Filha, segundo Rheingantz. Tenho a impressão de haver erro nesta filiação. Pelo tempo, poderia ser neta do dito Capitão João de Sousa Pereira.

⁶⁹ *Boletim* (série da Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo). São Paulo: Tip. do Globo, 1945. Volume V, páginas 183, 184, 189, 190. Infelizmente, não foram localizados os livros de notas no Arquivo do Estado de São Paulo.

⁷⁰ Empreendimentos que o fariam ser considerado o fundador de Ubatuba. Sua identidade não coincide com a opinião de Pedro Taques, que, em sua obra *História da Capitania de São Vicente*, p. 137, entendeu que Ubatuba foi fundada em

Sousa da Guerra, donatária da Capitania de São Vicente, como certificou o juiz ordinário da citada vila em 2 de agosto de 1640. Vivia em Ubatuba, pelo menos até 1651, consoante documentos.

De Jordão Homem e de Ana de Sousa nasceu, entre outros:

- IV- ANA DA FONSECA DE BRITO (ou ANA DE SOUSA), natural da cidade do Rio de Janeiro, mulher de JOÃO ANTÔNIO MALIO, irmão da mãe do Padre Fernão Rodrigues de Córdova, e filhos de Catarina Conqueiro. Ana de Sousa de Brito fez procuração⁷¹ em 1645, na vila de Ubatuba, para seu marido João Antônio Malio. Foram pais de, ao menos:
- V- JORDÃO HOMEM DA COSTA. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde se casou⁷² (Sé, 2º, fls. 31) em 9 de fevereiro de 1672 com MARIA (ou MÔNICA) PINHEIRO DE LEMOS, natural da cidade do Rio de Janeiro (viúva de Sebastião de Oliveira de Sampaio), filha do Capitão Luís Pinheiro Montarroi (PFRJ, II, 608) e de sua mulher Maria Viçosa, ambos naturais do Rio; neta paterna de Bartolomeu Pinheiro e de Beatriz de Lemos. Foram pais de, ao menos:
- 1 (VI)- ALEXANDRE PINHEIRO HOMEM, natural da vila de São Sebastião, em cuja igreja matriz foi batizado em 15 de dezembro de 1673. Habilitou-se⁷³ de *genere et moribus* em 1707.
 - 2 (VI)- BEATRIZ DA SILVA, moradora na Ilha de São Sebastião, onde faleceu em 1748 e onde foi casada com JOÃO LEITE DA SILVA SODRÉ (SL, II, 482; NPHG, III, 97), c.g. João Leite era filho de Antônio de Faria Sodrê e de Inês de Oliveira Cotrim. Pedro Taques escreveu que Beatriz da Silva era da família **Botafogo**, do Rio de Janeiro.
 - 3 (VI)- MARIA PINHEIRO. Faleceu em Itambi (RJ) em 1760, casada.
 - 4 (VI)- JORDÃO HOMEM DA COSTA. Casou-se em 22 de agosto de 1711 no Rio de Janeiro (Sé, 4º, fls. 42) com MARIA BARBOSA DA CANDELÁRIA, filha de Valentim Barbosa e de Margarida de Sousa, moradores no Rio.

28 de outubro de 1637 por Jordão Homem da Costa, natural da Ilha Terceira, cavaleiro-fidalgo, cidadão e pessoa principal do Rio de Janeiro.

⁷¹ *Boletim*, V, p. 184.

⁷² Foram testemunhas: o Capitão Manuel de Azedias Valadão e o Capitão Manuel de Barcelos Domingues.

⁷³ ACMSP, processo nº 1-3-55.

§ 3º

- III- ISABEL HOMEM (filha de Luís de Faria Homem, do § 2º nº II). Casou-se com JOÃO DO ZOURO DE OLIVEIRA, ambos naturais da cidade do Rio de Janeiro. Foram pais, entre outros, de:
- 1 (IV)- MARIA DE OZOURO, mulher do CAPITÃO FRANCISCO (DE PONTES) DE ARAÚJO DE ANDRADE (ver Revista da ASBRAP nº 10, p. 191), estes pais do LICENCIADO BELCHIOR DE ANDRADE E ARAÚJO, batizado em 2 de junho de 1653 na freguesia de Nossa Senhora da Candelária da cidade do Rio de Janeiro, habilitado em 1702 ao sacerdócio (ACMRJ). Quem doou o patrimônio ao Licenciado Belchior foi o seu primo, o Licenciado Luís Teles Barreto.
 - 2 (IV)- ANTÔNIO DO ZOURO. Foi citado no inventário de Manuel Coelho de Sousa, em 1660, como seu primo. Seria primo da viúva daquele, Ana da Costa Albernaz (bisnetos de Jordão Homem da Costa).
 - 3 (IV)- ASCENÇA DE ANDRADE (na dúvida). Casou-se por volta de 1643 com LUÍS GOMES SARDINHA. Pais de, ao menos: PEDRO HOMEM DO ZOURO (PFRJ, II, p. 358), nascido por volta de 1644.

§ 4º

Desentroncado

- I- ISABEL HOMEM (DA COSTA) nasceu por volta de 1621 e faleceu no Rio de Janeiro (Sé, 4º, fls. 32) em 1º de dezembro de 1659. Era sobrinha de Fernão Faleiro e irmã de Ascença de Andrade. Casou-se por volta de 1641 com o CAPITÃO MANUEL LOPES RAVASCO, nascido por volta de 1611 e falecido no Rio de Janeiro (Sé, 4º, fls. 36-v) a 6 de abril de 1661. Com geração (vide PFRJ, II, p. 444).

§ 5º

Desentroncado

- I- LEONOR FALEIRO foi casada com FERNÃO LOPES RAVASCO. Pais de, que se conseguiu descobrir:
- 1 (II)- JORGE, batizado⁷⁴ em 12 de junho de 1624 na Sé do Rio de Janeiro (Sé, 2º, fls. 22-v).

⁷⁴ Foram seus padrinhos Gregório Mendes e Águeda Lopes (mulher de Fernão Faleiro).

ANEXO

Álbum de Paleografia- Prof. Jurandyr Ferraz de Campos

Mogi das Cruzes. 1645 [?]. Traslado de vários papéis que compõem a "certidão dos privilégios dos Alvernazes", por requerimento de Manoel Albornas, aos 10 de fevereiro de 1617, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, autenticado pelo tabelião Antonio Pimenta de Abreu. Ver nota nº 4, abaixo.

Mogi das Cruzes, Arquivo Histórico e Pedagógico Municipal, Livro de Atas e Registros da Câmara, de 1642 a 1646 (fragmentos), fol. 18v. a 21r.

[Fol. 18 v.]

+

Saibão quantos este publiquo estromento de doasão¹ dado e mandado pasar por autoridade de iustisa² com ditos de testemunhas pasado do meu ofisio vir³ en que no ano do nasimento de noso *senhor* yesu *christus* de⁴ mil e seissentos e dezasete anos aos des dias do m⁵ es de feverero do dito ano em esta sidade de são⁶ sebastião do rio de ianero em as pouzadas do reveren⁷ do padre pedro homem albornas vigairo yeral nesta⁸ dita sidade per manoel albornas foi dado a min es⁹ crivão a petisão ao diante escrita com ho despa¹⁰ cho ao pe dela do iuis ordinario francisquo da costa¹¹ homem requerendo me tudo autuase a qual autu¹² ey he e o seginte antonio pinmenta d abreu *tabeliam*/¹³ que o escrevi¹⁴ pitisão¹⁵

manoel albornas que pera vem de sua abona¹⁶ são lhe he neserario iustificuar como he filho legi¹⁷ timo de manoel albornas ia defunto he de sua mo¹⁸ lher que foi margarida da costa a qual he filha [de]¹⁹ iurdião homem da costa ia defunto cuio neto o su²⁰ pliquante he e asin mais lhe mande vosa merse dar²¹ o treslado da sertidão do privilegio dos alvernazes²² a qual esta en mão de aleixho manoel o velho e a²³ sim pede a vosa merse se lhe mande perguntar as tes²⁴ temunhas que apresentar com seus ditos lhe man²⁵ de pasar estromento em modo que fasa fe em iu²⁶ izo e fora delle e resebera iustisa e merse²⁷

despacho do iuis²⁸

como pede rio de ianero nove de feverero de seissen²⁹ tos e dezasete homem/³⁰

testemunhas³¹

Ano do nasimento de noso *senhor* yesu *christus* de mil e seissentos³² e dezasete anos aos des dias do mes de feverero do dito³³ ano nesta sidade de são sebastião do rio de ianero³⁴ eu escrivão com o iuis ordinario francisquo da³⁵ costa homem perguntamos as testemunhas sigintes³⁶ pella pitisão do supliquant manoel d albornas³⁷ he eu antonio pimenta d abreu escrivão que o escre³⁸ vi³⁹ ||

Notas do Prof. Jurandy Ferraz de Campos:

- 1) Na linha 12/13, *autuase* e *autuey* do verbo "atuar", com o sentido de "processar", "reunir em processo" (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa).
- 2) Na linha 30, o *s* de *dezasete* foi traçado sobre uma outra letra.
- 3) Na linha 35, na palavra *ordinario*, a sílaba *or* está sobreposta às letras *fr*, traçadas anteriormente.
- 4) Neste fólio, e nos que se seguem até ao de nº 21r., acha-se o traslado de diversos papéis: a) de uma Petição feita por Manoel Albernaz, no Rio de Janeiro, em 1617; b) de uma inquirição de testemunhas; c) de uma Certidão de nobreza da família Albernaz, dada pelo rei D. Manoel, em Lisboa, provavelmente em 1508 (do documento consta 1580, o que é impossível, pois o reinado de D. Manoel foi de 1495 a 1521), de que foram tirados vários traslados. Deste registro não consta o nome do escrivão nem a data, mas sabemos ter sido Antonio Fernandes (pela identificação de sua letra), no ano de 1645 (pela data das atas, uma anterior e outra posterior à cópia).

Comentário Paleográfico do Prof. Jurandy Ferraz de Campos:

- 1) -letra *e* com formato derivado do alfabeto maiúsculo, principalmente nas conjunções e inícios de palavras: 1, *este*, *estromento*; 2 e 5, *e*; etc..
- 2) - letra *s* com formato derivado do alfabeto maiúsculo, quando com som de duplo *s*: 1, *doasão*; 2, *pasar*, *iustisa*, etc..
- 3) - Emprego do *i*, pelo *j*: 2, *iustisa*; 7, *ianero*; 18, *ia*; etc..
- 4) - Emprego do *y*, pelo *g*: 8, *yeral*; emprego do *h*, indistintamente: 10, *ho*; 13, *he*, etc.
- 5) - sinal de nasalização: 12, 30 e 36, *homem*.
- 6) - letra *y*, com pingo: 7, *yeral*;
- 7) - Nexos: **o-s** - 1, *quantos*; 3, *ditos*; 5, *seissentos*, etc.; **t-e-s-t-e** - 3, 24/25, 31 e 36, *testemunhas*; **o-m** - 10 e 25, *com*; **o-r** - 11, *ordinario*; **s-t-i** e **f-i** - 17, *iustificuar*, **f-u** - 18, *defunto*; **f-o-i** - 18, *foi*; **t-r** - 26, *estromento*; **o-r** - 27, *fora*; **t-i** - 34, *sebastião*.

Abreviações: a) - Sinais abreviativos. Geral (Abrev., 2): 4 e 32, *senhor*. b) - Contração. Letra, ou letras finais sobrescritas: 4 e 32, *nasimento*, (Abrev., p. 20): 13, *tabeliam*, (Abrev., p. 82). Letra sobrescrita de palavra de origem latina: 4 e 32: *christus*, (Abrev., p. 116). Com todas as letras sobre a linha: 4 e 32, *senhor*, (Abrev., p. 79).

[Fól. 19r]

testemunha¹+

luis de faria homem sidadão desta sidade de idade² que dise ser de sinquoenta he seis anos pouquo³ mais ou menos e do costume di se que era o supli⁴cante filho de hum irmão de testemunha e diria⁵ a verdade a quem o iuis ordinario fan-

cis⁶quo da costa homem deu iuramento dos san⁷tos avanielhos sobre que pos sua mão direita⁸ e prometeu de dizer verdade do que soubese⁹ e perguntado lhe fose¹⁰

perguntado pello conteudo na petisão do¹¹ sopricante manonel d aluarnas dise elle testemu¹²nha que he verdade que o dito manonel d albar¹³nas he filho ligitimo de manonel d albarnas e de¹⁴ margarida da costa a coal he filha ligitima de¹⁵ iurdão homem da costa avo do dito suplicante¹⁶ manonel albarnas e que isto save elle testemu¹⁷nha pelo saber naser e o ajudar a criar e ser seu¹⁸ tio e al não dise e o asinou com o dito iuis he eu al¹⁹ntonio pimenta d abreu escrivão que o escre²⁰vi luis de faria homem francisquo da cos²¹ta homem²²

testemunha²³

Item andre afonso sidadão desta cidade testemunha²⁴ que ouve iuramento dos santos avanielho sobre que²⁵ pos sua mão direita e prometeu dizer verdade de²⁶ idade que dise ser de sinquoenta e seis anos pouquo²⁷ mais ou menos e do costume dise que era primo se²⁸ gundo de manonel albarnas e diria a verdade²⁹

Item perguntado pello conteudo na pitisão dise³⁰ elle testemunha que he verdade que conhese ao³¹ suplicante manonel albarnas filho ligitimo de³² ligitimo matrimonio de manonel albarnas e de³³ margarida da costa a qual he filho de iurdão ho³⁴mem da costa cuiu neto he o dito suplicante manonel³⁵ albarnas e al não dise e o asinou com o dito iuis eu³⁶ antonio pinmenta d abreu escrivão que o es³⁷crevi francisquo da costa homem andre³⁸ afonso³⁹

testemunha⁴⁰

Notas do Prof. Jurandyr Ferraz de Campos:

- 1) Na linha 35, o escrivão traçou o *c* de *cuiu*, sobre um *i* que havia feito antes.
- 2) Linhas 19 e 36, *ai não dise* quer dizer "e outra coisa não disse". *Al* é o antigo pronome, forma arcaica do latim *alid*, em vez de *aliud*, "outra coisa", conf. Dom Martinho JOHNSON, O.S.B., *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo*, p. 45, nota 76.

Comentário Paleográfico do Prof. Jurandyr Ferraz de Campos:

- 1) - Letra *e* com formato derivado do alfabeto maiúsculo, principalmente nas conjunções e inícios de palavras: 3, *sinquoenta*; 4, *e*, *era*; 9 e 10, *e*; etc..
- 2) - Letra *s* com formato derivado do alfabeto maiúsculo, quando com som de duplo *s*: 2, *sidadão*, *sidade*; 3, *dise*, *ser*; *sinquoenta*; etc..
- 3) - Letra *c* com formato derivado do alfabeto maiúsculo, geralmente em iniciais: 5, *supli/cante*; 6 *francis/quo*; 7, *costa*; 11, *conteudo*; etc..
- 4) - Emprego do *i*, pelo *j*: 16, *iurdão*; 18, *aiudara*; 19, *iuis*; 35, *cuiu*; etc..

- 5) - Emprego do v, pelo b: 17, *save*.
 6) - Emprego de *quo*, por *co*: 3 e 27, *pouquo*; 6, *francis|quo*.
 7) - Sinal de nasalização: 2, 7, 16, 21, 22, 34|35 e 38, *homem*; 5, *hum*.
 8) - Nexos: **d-e** - 2, *de*, *sidade*; etc.; **o-u** - 4, *ou*; 9, *soubese*; 25, *ouue*; 28, *ou*; **t-u** - 4, *custume*; **o-s** - 4, *o supli*; 10 *fose*; 15, 16, *costa*; **t-e-s-t-e** - 5, 12, 17, 23, *testemunha*; **o-e** - 12, 14, 17, *manoel*; **o--a** - 15, *coal*; **o--m** - 19, *com*; **d-e-s-t** - 2, *desta*; **o-n** - 30, *conteudo*; **t-i** - 33, *ligitimo*; t-r - 33, *matrimonio*.

Abreviações: a) - Sinais abreviativos: 24 e 30, *Item* (Abrev. p. 27). b) - Contracção. Letra, ou letras finais sobrescritas: 1, "*testemunha*".

[FoI. 19 v.].

+

alexho manoel o velho capitão de infantaria¹ nesta sidade e sidadão della testemunha² que ove iuramento dos santos avanielho sobre³ que pos sua mão direita e prometeu dizer ver⁴dade de idade que dise ser de setenta e nove⁵ anos pouquo mais ou menos e do custume di⁶se que o suplicante e seu subrinho filho⁷ de seu irmão he dira a verdade⁸

perguntado pello conteudo na petisão do⁹ suplicante dise elle testemunha que¹⁰ conhesia ao suplicante manoel albornas¹¹ ser filho ligitimo de manoel albornas he de¹² margarida da costa a coal margarida da¹³ costa e filha de iurdão homem da costa avo¹⁴ do suplicante manoel albornas e al não¹⁵ não [sic] dise e o asinou com o dito iuis eu antonio¹⁶ pinmenta d abreu *tabeliam* que o escreui alexho¹⁷ manoel francisquo da costa homem¹⁸

testemunha¹⁹

o reverendo padre vigairo yeral o padre pedro ho²⁰ *mem* albornas testemunha que prometeu dizer ver²¹dade pelo iuramento de sua funções [?] de idade que dise ser²² de corenta anos pouquo mais ou menos e do custume di²³ se que era primo com irmão e irmão⁷⁵ do supliquante²⁴ que de verdade²⁵

perguntado pello conteudo na pitisão ho supliquan²⁶te manoel albornas di se elle testemunha que he verda²⁷ de que manoel albornas conteudo na petisão e filho²⁸ legitimo matrimonio de manoel albornas he de margari²⁹da da costa filha de iurdão homem da costa avo do dito supli³⁰cante manoel albornas o que sabe pelo ver naser e conhe³¹ser e como parente que elle he aI não dise e o asinou com o dito³² iuis eu antonio pimenta d abreu *tabeliam* que o escrevi pedro³³ homem aluamas francisquo da costa homem³⁴

⁷⁵ **Nota do autor:** Os avós, paternos e maternos de ambos, eram os mesmos. Por serem primos irmãos duas vezes, equivaleria a se dizerem irmãos.

termo|³⁵

e tiradas asin as ditas testemunhas pello dito manoe|³⁶ alvernas foi dito que não queria dar mais testemunhas que|³⁷ as que dado tinha que elle pasase seu *estromento* antonio|³⁸ pimenta d abreu *tabeliam* que o escrevi|³⁹ li

Notas do Prof. Jurandyr Ferraz de Campos:

- 1) No final da página, o espaço da última linha foi inutilizado com um tracejado.
- 2) Linhas 15/16 e 32, "al não dise" quer dizer "e outra coisa não disse". Al é o antigo pronome, forma arcaica do latim *alid*, em vez de *aliud*, "outra coisa", conf. Dom Martinho JOHNSON, O.S.B., *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo*, p. 45, nota 76.

Comentário Paleográfico do Prof. Jurandyr Ferraz de Campos:

- 1) Letra "e" com formato derivado do alfabeto maiúsculo, principalmente nas conjunções e inícios de palavras: 1, *infantaria*; 2, *e*; 4, *e*; etc..
- 2) Letra "s" com fonato derivado do alfabeto maiúsculo, quando com som forte de duplo "s": 2, *sidade*, *sidadão* 3, *santos*, *sobre*; 4, *sua*; 5, *dise*; etc..
- 3) Letra "c" com formato derivado do alfabeto maiúsculo, geralmente em iniciais: 1, *capitão*; 6, *custume*; 7, *suplicante*; 9, *conteudo*"; etc..
- 4) Emprego do "i", pelo "g": 3, *avanielho*.
- 5) Emprego do "i", pelo "j": 3, *iuramento*.
- 6) Emprego do "Y" com pingo, no lugar do "g": 20, *yeral*.
- 7) Emprego do sinal de nasalização: 14, 18, 20/21, 30 e 34: *homem*.
- 8) Nexos: *o-u*, I: *o uelho*; 3, *oue*; *o-e*, 11, 12, 15: *manoe|*; 17: *o escrevi*; *o-s*, 3, *dos*, *santos*; 4, *pos*; 6, *anos*, *menos*; 7, *o suplicante*; *o-a*, 13, *coal*.

Abreviações: a) - Contracção. Letra, ou letras fmais sobrescritas: 38, *estromento*, (Abrev., p. 46); 18, 33 e 39: *tabeliam*, (Abrev., p. 82).

[Fol. 20 r.]

+
sertidão|¹

senhor dizem alexho manoe| que bertalomeu d albernas|² irmão naturais de ylea do fa[i]al moradores que são de|³ muitos anos nestas partes do brazil na sidade de são sebas|⁴tião capitania do rio de ianero que elles lhe he nesario|⁵ o treslado da sertidão del rei d armas que apresentão em|⁶ modo que fasa fe e pedem a vos merse mande a hum *tabalião*|⁷ desta sydade e a treslade he de o treslado da qua consertado|⁸ na forma que pedem tornando se lhe a dita sertidão que apre|⁹ zenta no que reseberão iustisa e merse +|¹⁰

despacho|¹¹

de se lhe a sertidão que o supliquante pedem e torne¹² lhe o propio vinte e oito de setembro de mil e quinhentos¹³ e noventa e dous anos andre montero. +¹⁴

sertidão¹⁵

sertefiquo eu diogo rebeiro tabalião do publico iudi¹⁶sial e notas por sua magstade nesta cidade do salvador da ba¹⁷ia de todos os santos e da capitania e dou minha fee que em¹⁸ conprinmento do despacho asima do iuis andre montero tres¹⁹ladei aqui a sertidão que me foi apresentada iuntam²⁰ente com a petição atras da qual o theor e treslado de berba²¹ a bervo e o seginte el rei d armas [de] portugal do²² muito alto e eselente poderozo prinsepe dom ma²³noel per grasa de deus rei de portugal e dos algarues da²⁴quem e daleem mar em alliqua senhor de gine e da con²⁵quista nauegasão commersio tiopia arabia persia e²⁶ da india faso saber a quantos esta minha carta de²⁷ sertidão uirem que afonso albernaz escudero fidal²⁸go morador nas elia do faial me requereu e pedio que²⁹ porque porquanto elle porsedia de linagem e³⁰ gerasão dos albernazes da parte de seu avo gon³¹salo albernaz escudero fidalgo e pai martim alber³² nas escudero fidalgo por cuja verdadeira soseção de³³ve guouzar de todos os privilegios e verdade e fr³⁴anquezas que hão e de que gozarão todos os³⁵ seus anteseores por respeito de sua nobreza e fidal³⁶gia que tem de linagem de cota d arma e solar co³⁷nhesido me requereu que de sua verdaderas armas³⁸ como de direito lhe pertenser lhe dese minha carta³⁹ de sertidão pera quando nesessario lhe fosse usar⁴⁰ dela como os ditos seus anteseores e visto por min seu⁴¹ requerimento e obrigação que tenho pera com o meu⁴² ofisio prover a semelhantes nesessidades e reque⁴³rimento antes de sastisfazer a petição e requerimento⁴⁴ ||

Notas do Prof. Jurandyr Ferraz de Campos:

- 1) Na linha 16, há um borrão sobre o *s* de *sertifiquo*.
- 2) Nas linhas 21/22, *berba a berro*, por "verbo ad verbum", locução latina (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 11 ~ Ed.).
- 3) Na linha 22, após *do*, está riscado *poderozo*.
- 4) Depois da linha 39, o espaço da última linha foi inutilizado com um tracejado.

[Fol. 20 v.]

+

afonso albernaz escudero me enformei e mandei que¹ sobre o cauzo perguntadas fosse sertas testemunhas segun²do custume he estilidade direito e sas[t]ifazendo o dito³ afonso albernaz a meu dezenbargo foi tirada a jn⁴quirisão e acatada e vista por min na coal enquiri⁵são testemunhou hum fernão de moura escudero do⁶ cardeal morador en a dita ilha e mais testemunhou io⁷ão alveres o velho labrador morador na dita ilha e mais⁸ testemunhou gomes martis de odrade es-

cudero del rei no⁹ so **senhor** e almoxarife em estas ilhas do faial e piquo¹⁰ e mais testemunhou felipe gomes escudero fidalgo¹¹ morador na dita e ou atras e declaração em seus testemu¹²nhos asin de sarta sabedoria como de ouvida quanto¹³ a casta ache ser da dita geração dos albarnazes e visto¹⁴ por min sua prova ser firme e valioza dei ao dito afon¹⁵so albarnas escudero as armas conteudas e pintadas¹⁶ no meo desta minha sertidão como estão asentadas¹⁷ no libro antigo que en meu poder são como iuis da no¹⁸breza convem a saber **hum** escudo partido en quatro¹⁹ parte primera azul e **huma** arvore de sete pontas e pra²⁰ta e <a> outra parte de prata e a arbore azul e asin de sete²¹ pontas e iso memo as outras canbadas com sua defe²²rensa per o qual requero e mando da parte del rei²³ noso **senhor** e per autoridade que de sua alteza tenho²⁴ a todos los cavaleros e fidalgos de cota d armas e a todos²⁵ os coregedores iuizes e iusticas e ofisiais e pesoas a que²⁶ esta minha sertidão for mostrada e o conhesimento de²⁷la pertenser per coalquer giza e manera que seia²⁸ deixem o dito afonso albornas ter e trazer as ditas²⁹ armas e o deixem entrar em quaisquer transe de ba³⁰talhas e retos e dezafios que ele ouver com seus ini³¹[mi]gos asim a elle como aos que delle defenderem por³² linha direita masculina e o deixem ouvir de todo los³³ privileio e onras e liberdades e franquezas de que goza³⁴ **ram** todos seus antese-sores per rezam das ditas armas³⁵ que tem de solar conhesido asim como gozaram todos³⁶ os cavaleros e fidalgos de cota darmas de solar conhesidos³⁷ e mi-lhor se com rezam se pode fazer e não seia a dita³⁸ carta de sertidão valioza salvo ao dito afonso alber³⁹ nas escudero e os que dele desfenderem^{em} per linha direita⁴⁰ masculina como dito[?] e vivendo a lei de nobreza⁴¹ ||

Notas do Prof. Jurandy Ferraz de Campos:

- 1) O espaço correspondente à última linha foi inutilizado com um tracejado.
- 2) Na linha 31, *retos*, por "reptos".

[Fol. 21 r.]

e conprindo asin **hum** he outros sem duvida men [*sic*] em¹bargos que a elle ponhais com sua deferensa he² fee feita em lusboa aos uinte e oito dias do mes de iunho da³ era do nasimento de noso **senhor** yu cristo de mil e quinhentos⁴ e oitenta anos. o coal brazam di verdade e nobreza⁵ eu pero **rodriguez tabaliam** do publico iudiseal per el rei noso **senhor**⁶ nesta ilha do faial aqui mandei tresladar per fiel⁶ pesoa pero poder que pera elo tenho do dito senhor e foi⁸ tudo tresladado a requerimento de [Se]bastião perera pai⁹ muito fidalgo morador nesta dita ilha per mandado¹⁰ do iuis antonio **fernandez** iuis ordinario nesta dita ilha o coal m¹¹andou tresladar per carta testemunhavel pera man¹²dar a francisquo luis marido da dita agada albarnas¹³ e ao brazil onde quer que estivese e com a propria com¹⁴sertei e como tabalião abaixo nomeado e ho escrevi e a¹⁵sinei de meu

publiquo sinal que tal he oye vinte e sete¹⁶ dias do mes de maio do ano de mil e quinhentos e sinquo¹⁷enta e seis anos a coal vai asinada com o selo do con¹⁸selho desta dita ilha do faial pagou niche / conserta¹⁹do marqos gonsalues a coal sertidão e treslado dela²⁰ eu diogo ribero tabalião do publiquo iudisial e no²¹tas por sua magestade nesta dita sidade do saluador²² do estado do brazil tresladei da propia que tornei²³ a parte e con elle o concertei na verdade ven e fiel²⁴mente sem cauza que duvida fasa e o que de meu²⁵ publiquo sinal fis que tal he comsertado comi²⁶go *tabaliam* diogo ribero e comigo *tabaliam* aleixo luquas²⁷ o qual treslado eu antonio pinmenta d abreu *tabaliam*²⁸ do publiquo iudisial e notas en esta sidade de são se²⁹bastião do rio de ianero fis tresladar dos propios autos a³⁰ que me reporto vem e fielmente e vai na verdade sem³¹ couza que duvida fasa e o costei e consertei e a³²sinei de meu publiquo e razo sinal que tais são³³ oje onze de abril de mil seissentos e dezasete anos³⁴ antonio pinenta d abreu comsertado por min *tabaliam*³⁵ publiquo antonio pimenta d abreu³⁶ ||

Notas do Prof. Jurandy Ferraz de Campos:

- 1) Na linha 19, *niche* é uma forma abreviada, de acordo com a pronúncia, da palavra latina "nihil" - "nada". A pronúncia do "h" medial com o som de "k" é um costume escolástico que se comprova por muitos documentos medievais, cf. Dom Martinho JOHNSON, O.S.B., opus cit. p. 29.

Abreviaturas:

- CPRJ-** BELCHIOR, Elyσιο de Oliveira. *Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.
- PFRJ-** RHEINGANTZ, Carlos G. (1915-1988). *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro* (Séculos XVI e XVII), Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1967, 3 volumes.
- CAMSB-** SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da. *Construções e Artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, 1950.
- SL-** LEME, Luiz Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*, São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes.

Conclusão

Entre os séculos XVI e XVIII, o estudo da genealogia carioca mostra-se mais intrincada e difícil que a paulista em dois aspectos principais: a falta de um genealogista local do século XVIII, um “Pedro Taques carioca”,⁷⁶ e, principalmente, na questão documental. São Paulo possui uma boa série de inventários e de processos eclesiásticos, como os de *genere et moribus*⁷⁷, muito embora perca no quesito de registros paroquiais, menos antigos e incompletos. Assim, ao pesquisar as famílias Albernaz e Homem da Costa, deparei com dificuldades de todas as ordens, embora estivessem presentes na cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação e fizessem parte da nobreza da terra.

Os registros paroquiais do Rio de Janeiro têm início apenas em 1616, estando perdidos, portanto, os assentos de casamentos da primeiras e segundas gerações das famílias cariocas. Não se conhece o paradeiro dos inventários, e estes provavelmente se queimaram em um incêndio há muito tempo, quicá no que ocorreu cerca de 1790, na Câmara do Senado, no qual, sabidamente, a cidade do Rio perdeu valiosos documentos. O mesmo deve ter havido com registros da câmara da cidade do Rio de Janeiro. Os livros, mais antigos, de notas dos cartórios da cidade do Rio de Janeiro, dos sobreviventes, encontram-se, muitos deles, interditados e, por esse motivo, impedidos de consulta.⁷⁸ O Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro está a ser reorganizado e, portanto, muitos processos, embora existentes, não são encontrados de pronto.

Carlos G. Rheingantz (1915-1988), à frente do Colégio Brasileiro de Genealogia, foi autor da importante obra, *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII)*. Dois dos seus três volumes foram publicados em 1967. Nesse momento, o grupo se dividiu e, por morte de Rheingantz, o seu espólio cultural, também. Com a reinauguração do Colégio, em 31 de maio de 1988, parte do material foi resgatado e, com ele, se publicou o último volume, em quatro fascículos, de 1993 a 1995.

⁷⁶ Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777), autor de *Nobiliarquia Paulistana Histórica Genealógica*, que veio a lume de 1869 a 1872. Estudou a elite paulista, desde os seus primórdios, até sua morte. A maior parte do que Pedro Taques escreveu pode ser revista em documentos, ainda existentes.

⁷⁷ Chamados, erroneamente, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, de *dispensas matrimoniais*. Nem todos os banhos são dispensas (de consangüinidade, em especial), mas todas as dispensas são banhos.

⁷⁸ Essa situação perdura há, pelo menos, dez anos. Oxalá a direção do Arquivo Nacional (do Rio de Janeiro) consiga reverter essa situação. Instalações novas, aliás, bem apropriadas, já conseguiram.

Do Dr. Jorge Forjaz, recebi, em 24 de outubro de 2005, a seguinte mensagem, por e-mail: “Quanto a Albernaz (ou Alvernaz⁷⁹, como agora se escreve) ... na realidade, aqui nos Açores, não há ninguém que tenha especial informação sobre esta gente, pois não há registos antigos do Faial e Pico, onde eles se terão fixado. A notícia do brasão, em que dá três gerações, deve ser a coisa mais antiga que existe, e para mim, foi novidade”. Do Dr. Arthur Norton, recebi a informação de que a carta de brasão de armas concedida a Afonso Albernaz é desconhecida em Portugal, ele que está a escrever um repertório de cartas de brasão inéditas.

Como qualquer outro trabalho genealógico ou histórico, não julgo este definitivo. Faltam diversos elementos e há muitas dúvidas e lacunas. Mas, espero, servirá a tantos quantos pesquisam essas famílias no Brasil e nos Açores.

⁷⁹ No Brasil é mais comum a forma Albernaz, com **b**.